



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 02

Fora de contexto

Branca Vianna: Esse é o Rádio Novelo Apresenta. Eu sou a Branca Vianna.

A essa altura a gente já tá próximo de finalmente se livrar do desespero que foram esses quatro anos de Bolsonaro na presidência do Brasil. E eu imagino que você, como eu, não aguenta mais ouvir ou ler as sandices que esse homem diz.

Mas eu vou precisar colocar aqui só um trechinho; são cinco segundos, e eu prometo que não passa disso.

Jair Bolsonaro: João, 8, 32. E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará.

Carol Pires: Essa é a frase que o Bolsonaro sempre usa em discursos, nas lives, na campanha, é uma frase que ele repete muito, e quase sempre num contexto para defender o porte de armas, a posse de armas.

Branca Vianna: Esta é a Carol Pires, jornalista e roteirista.

Carol Pires: Então ele fala isso de "conhecereis a verdade e a verdade vos libertará". Contra a esquerda, né? Ele se coloca muito nesse lugar de Messias,

então também cabe ali, né, como se ele estivesse trazendo a verdade pros eleitores, pros seguidores, e a partir dessa verdade eles serão livres.

Branca Vianna: Hoje a gente pediu uma ajudinha rápida da Carol pra falar sobre essa frase que o Bolsonaro repete à exaustão. Essa passagem bíblica. E sobre o uso completamente equivocado que ele faz desses versículos.

Carol Pires: Bom, isso tá em João 8. Esse já é o versículo 32. Mas aí, quando você vai ver a história inteira, é uma historinha que tá contada em 59 versículos, né? A gente não precisa ler tudo...

Branca Vianna: Pelo amor de Deus, não.

Carol Pires: Mas eu vou ler só esse começo para a gente entender de onde a história está vindo, para ele falar isso, né?

Branca Vianna: Tá bem.

Carol Pires: "Jesus, porém, foi para o Monte das Oliveiras e pela manhã cedo tornou para o templo e todo o povo vinha ter com ele e assentando-se, os ensinava. E os escribas e fariseus trouxeram-lhe uma mulher apanhada em adultério e pondo-a no meio, disseram-lhe: 'Mestre, esta mulher foi apanhada no próprio ato, adulterando'".

Branca Vianna: Essa é aquela passagem da Bíblia. A das pedras que vão ser arremessadas contra uma mulher que teoricamente tinha cometido adultério. Só contra a mulher, tá? O homem não tava correndo risco nenhum.

Carol Pires: Então Jesus está ali. Eles trazem essa mulher adúltera e eles querem apedrejá-la. E perguntam a Jesus o que que eles devem fazer. E Jesus não responde de primeiro. Ele fica ali, reflexivo, dando uma ignorada na galera. Inclusive, é nesse mesmo trecho que ele fala, né? "Quem nunca pecou que atire a primeira pedra". Tá dentro desse mesmo contexto. O que ele tá dizendo é:

"Alguém aqui pode julgar essa mulher?" Então, aos poucos, essas pessoas que trouxeram a mulher para ser apedrejada começam a sair e não sobra ninguém.

Branca Vianna: Fica com a gente que eu prometo que o estudo bíblico tá acabando.

Carol Pires: Então, em algum momento ele olha para ela e fala: "Cadê aqueles que te acusavam?" E ela diz, "não, se foram todos, porque realmente ninguém podia atirar a primeira pedra". Depois, lá na frente, né, ele vai falar isso de "conhecereis a verdade e a verdade vos libertará". Mas isso está dentro de um contexto de... uma história de perdão.

Branca Vianna: Uma história de perdão.

Carol Pires: É uma história que ele está trazendo essa mulher adúltera, ele falando: "Ninguém aqui pode julgar essa mulher, nem eu e nenhum de vocês". Então, está dentro de uma história de perdão. Começa daí que isso é a coisa mais anti-Bolsonaro possível, né, porque todo o discurso dele é exatamente de apedrejamento das pessoas que eles consideram ou erradas ou que pensam diferente, ou principalmente, que eles vêm muito desse campo da moral, tal.

Branca Vianna: E quando o Bolsonaro usa essa frase, não é nesse sentido de perdão. É um negócio meio conspiracionista, meio Olavo de Carvalho, do tipo: era isso que eles tavam escondendo de você esse tempo todo! Ele dá a impressão justamente de que tá te faltando algum contexto pra entender o mundo — e é ele que vai te dar. Mas quando a gente volta no contexto da própria frase que ele tá usando pra isso... a gente vê outra coisa.

Carol Pires: Sim. Então, quando ele fala essa frase, é, "conhecereis a verdade e a verdade vos libertará", ele está falando num campo metafísico, religioso, né?

Branca Vianna: Ele aqui é Jesus, tá? Não é o Bolsonaro.

Carol Pires: A verdade aqui, no caso, é ele próprio, como palavra de Deus, como emissário de Deus. Mas tá vindo como aqui é quase assim... Ele tira de contexto e inclusive subverte.

Branca Vianna: Agora o "ele" que subverte é o Bolsonaro.

Carol Pires: E é o que eles fazem com várias coisas. Por isso, se você jogar no Google: "Bolsonaro tira de contexto", vai aparecer não só isso, como outras tantas vezes em que ele tira frases das pessoas de contexto, em que ele tira frames, né, é... segundos de vídeos de contexto para criar fake news e criar desinformação... então ele é um grande tirador de contexto. E essa, que é a grande frase dele, não podia tá mais equivocada na interpretação. O que faz a gente pensar que ele nunca leu a Bíblia. Ele não leu esse trecho ou se leu, não entendeu nada.

Branca Vianna: É... se ele leu, não entendeu nada. A Carol Pires não é estudiosa da Bíblia, mas eu também não chamei ela aqui só porque ela é boa de interpretação de texto. Foi porque ela já tinha falado rapidinho no podcast Retrato Narrado dessa descontextualização que o Bolsonaro faz da Bíblia.

O Retrato Narrado, pra quem não ouviu, é uma série em 6 episódios em que a Carol tenta entender quem é o Bolsonaro e o que é o Bolsonarismo. Foi lançada em 2020. É uma parceria da revista Piauí com o Spotify, produzido pela Rádio Novelo. Vale muito colocar aí na sua lista para escutar ou para reescutar, mas só depois que acabar esse episódio aqui, tá?

Porque eu quis abrir esse episódio com essa observação da Carol não para falar do Bolsonaro. Chega desse livramento. Mas porque é um gancho perfeito pra duas histórias que a gente vai contar hoje nesse segundo episódio do Rádio Novelo Apresenta. O tema de hoje é: fora de contexto.

O Bolsonaro tira versículos da Bíblia fora de contexto. Mas e se a coisa que tá fora de contexto não é uma palavra ou uma frase?

A Natália Silva, produtora da Rádio Novelo, conta essa história.

ATO 1

Natália Silva: Talvez tenha uma palavra em alemão pra descrever o sentimento de ver uma coisa num lugar onde ela não devia tá. Pra sensação de abrir a geladeira e ver a escova de dentes lá dentro. Praquilo que bate naqueles segundos em que você fica tentando entender como que aquilo foi parar ali. O tempo até o seu cérebro processar o que que é aquele objeto, ou o que que ele tá fazendo ali. Tipo: será que o meu namorado tá numa nóia de limpeza e botou a escova de dentes ali pra matar um tipo de bactéria que não resiste ao frio? Eu não encontrei a palavra em alemão no Google, ou qualquer outra palavra em outra língua que desse conta desse sentimento. O que é uma pena, porque seria o gancho perfeito pra essa história que eu vou contar hoje.

Fábio Zuker: Então, [risos] vamos lá...

Natália Silva: Aliás, que eu e o Fábio Zuker vamo contar hoje. O Fábio é jornalista...

Fábio Zuker: Eu sou jornalista e antropólogo...

Natália Silva: E ele trabalha bastante na região amazônica. E essa história aconteceu há bastante tempo, em 2007. Mas essa história é tão conhecida ali naquele pedaço da Amazônia que, dez anos mais tarde, em 2017, convidaram ele pra ir lá entender os impactos dela.

Fábio Zuker: Eu não sabia. Eu não tinha ideia dessa história. Estava fora do meu radar.

Natália Silva: Primeiro, os fatos.

Fábio Zuker: Foi no verão amazônico, então estava um calor de rachar assim, calor muito forte...

Natália Silva: Num dia bem quente de novembro de 2007, aconteceu uma coisa muito esquisita na comunidade de Piquiatuba, que fica em Belterra, no Pará.

Fábio Zuker: Eu não sabia em que medida as pessoas iam recordar histórias de dez anos atrás.

Natália Silva: Só que as pessoas lembravam. Era uma história tão fora do comum que todo mundo conhecia os detalhes. Ou porque tava lá ou porque tinha ouvido a história de outras pessoas.

Fábio Zuker: Enfim, aí quando eu cheguei em Piquiatuba, fui ao encontro do professor...

Natália Silva: O professor com quem o Fabio foi falar era o Jonathás dos Santos, que dá aula de português ali na comunidade. E aí, nesse dia, um aluno chegou esbaforido.

Fábio Zuker: Ele foi pra escola correndo e falou "Olha, tem um bicho, tem um tronco, tem alguma coisa se mexendo ali perto onde estão os bois."

Natália Silva: Essa "coisa se mexendo" ali perto causou tanta comoção na sala de aula que não dava pra só continuar falando de regras gramaticais, como se nada tivesse acontecido... O Jonathás resolveu então colocar todo mundo num barquinho e ir até lá investigar. Era uma sala pequena, de uns 12, 13 alunos... aí ele botou todo mundo num barco e foi. Eles chegaram lá e entraram na água pra conseguir ficar mais perto daquela "coisa se mexendo".

Fábio Zuker: E aí eles começaram a cutucar, começaram a mexer, e aí o professor Jônatas falou: "Não, olha, a gente tem que tomar cuidado, a gente não sabe o que é isso".

Natália Silva: O Jonathás tava com medo de ser um jacaré gigante, que pudesse abocanhar um dos alunos. Porque jacaré é um bicho que tem em rio, né... mas não era um jacaré, era um bicho que tinha uma pele lisa. Eles tavam num igarapé – que é tipo um riachinho – num braço do Rio Tapajós. E a água tava bem turva, bem marrom, então não dava pra ver o bicho direito. Só o que dava pra ver tinha um pedacinho das costas do bicho, que tava pra fora. E foi desse pedacinho que veio a resposta

Fábio Zuker: E aí, quando a baleia fez o primeiro esguicho, o professor falou: "Isso daqui é uma baleia"...

Natália Silva: Uma baleia! Ninguém ia imaginar isso.

Fábio Zuker: Não, ninguém ia imaginar que era uma baleia a 1000 quilômetros do oceano, né, no meio da Amazônia. Porque não só a baleia subiu o Amazonas, como também subiu o Tapajós.

Natália Silva: Na verdade, a baleia nadou uns 700 km. Entre 700 e 750. Ainda assim, longe pra caramba. Ninguém sabia como ela tinha ido parar ali. Mas tipo a escova de dentes dentro da geladeira, ela definitivamente não tinha que estar ali.

Fábio Zuker: E imediatamente, o professor falou "Bom..."

Natália Silva: O professor Jonathás ligou pro Ibama, que cuidava dessa região...

Fábio Zuker: E pediu auxílio pra resolver. E falou, "olha, tem uma baleia encalhada aqui na praia da comunidade" e o pessoal falou "bom, tá, liga pra gente a próxima vez falando que tem uma girafa, um abraço" e desligaram na cara dele. Acharam que era trote. E aí ele então ligou de novo, falou "olha, eu sou professor da escola, isso não é um trote e tem uma baleia encalhada aqui no meio da nossa praia, a gente precisa tomar providências". E aí começou uma verdadeira operação de resgate da baleia.

Natália Silva: Depois de entender que não era um trote, o Ibama mobilizou essa "operação de resgate", com profissionais da região... mas obviamente não tinha nenhum profissional especializado em baleias no Tapajós. Então outro telefonema que mais parecia um trote mal pensado foi feito.

Fábio Zuker: E aí eles ligaram para um especialista em baleia jubarte que estava no sul da Bahia e pediram auxílio dele para o resgate. Ele também não acreditou, né, ele tava jogando sinuca. Enfim, tava no momento lazer dele, tomando cerveja ali, né... se eu não me engano, Cabrália a cidade... Santa Cruz Cabrália?

Natália Silva: Esse veterinário, que chama Milton Marcondes, tava em Caravelas, que fica no litoral sul da Bahia.

Fábio Zuker: É... ele também não acreditou, né, ele tava jogando sinuca.

Natália Silva: Jogando sinuca a mais de 3 mil quilômetros de Piquiatuba, na véspera do feriado de 15 de novembro. O Milton teve que pegar carro, avião e um barco pra chegar até onde a baleia tava.

Fábio Zuker: Então, depois de todo esse périplo para chegar até a comunidade... e quando ele chega, o que acontece é que a baleia já tinha escapado.

Natália Silva: Durante a noite, a baleia escapou. Saiu do igarapé, onde ela tinha sido vista pelas crianças, caiu no Tapajós e sumiu. Pra achar ela naquele rio gigante, só olhando de cima. Com um helicóptero, o Milton e outros profissionais que foram chamados pelo Ibama foram atrás da baleia. Naquela altura, não era só o Jonathás e os alunos dele que tinham visto a baleia. Outros ribeirinhos também tinham – e iam passando pistas pra equipe. No dia 18 de novembro – quatro dias depois –, eles conseguiram encontrar a baleia em São José do Arapixuna, uma outra comunidade que fica na beira do Tapajós. Só que aí ela já tava bem machucada e debilitada. Ninguém sabe dizer ao certo como ela foi parar ali. A hipótese dos pesquisadores é

que ela tenha se perdido durante a migração anual, no caminho entre a Antártica e o Caribe.

Fábio Zuker: Então, provavelmente já estavam fazendo seu retorno para o verão antártico, quando essa baleia-minke se perdeu e acabou entrando pelo Marajó até o Tapajós.

Natália Silva: Apesar de todos os esforços que foram feitos, com helicóptero, veterinário, medicamento e a torcida das comunidades ribeirinhas, a baleia acabou morrendo.

Fábio Zuker: E foi um motivo de muita tristeza. As pessoas se emocionam, choram. As pessoas choraram quando a baleia faleceu e as pessoas se emocionaram me contando que a baleia faleceu. Foi uma coisa que eu acho que quem vive numa cidade não consegue ter essa dimensão.

Natália Silva: Aqui quem fala não é mais o Fábio jornalista, mas o Fábio antropólogo. Enquanto ele me contava essa história, que tá num livro que ele publicou em 2020, o Fábio alternava entre os fatos – entre me contar o que realmente aconteceu naqueles dias – e entre os significados mais profundos de tudo aquilo. Não pra ele, mas pra quem tava lá. Pros ribeirinhos. Ele queria entender a dimensão daquela história pra quem mora ali.

Fábio Zuker: E aí uma história que me marcou muito é que... que algumas pessoas têm uma teoria ali na região sobre o aparecimento da baleia. E a teoria que essas pessoas têm é de que eles estão sendo, as águas do Tapajós estão sendo roubadas. E o que acontece é que vêm embarcações de outros países que pegam água do mar, vêm no Tapajós, jogam essa água e voltam com a água boa do Tapajós. E aí, nessa teoria... e aí não se trata de dizer que é uma teoria errada, falsa, que não é plausível, mas, segundo essa teoria, então a baleia teria sido jogada ali junto com a água, que ela foi transportada do navio e foi jogada junto com a água, enquanto esses barcos pegavam a boa água do Tapajós para levar para outros lugares do mundo. E eu acho muito

significativo que exista esse relato, porque ele diz muito a respeito dessa narrativa, sobre a destruição dos territórios, sobre o impacto das hidrelétricas, sobre o garimpo... Que no final das contas, é um comércio, é uma promessa de desenvolvimento, de riqueza que nunca chega pra essas comunidades. Pelo contrário...

Natália Silva: Essa teoria, do roubo da água do Tapajós, me lembrou um documentário dos anos 70 da BBC que eu vi um tempo atrás. Chama "Ways of seeing", "Jeitos de ver" – é uma série sobre consumo da arte, nada a ver com baleia, nem com rio... mas tem uma frase do John Berger, o apresentador, que ficou na minha cabeça:

John Berger: Everything around the image is part of its meaning

Natália Silva: "Tudo em volta da imagem é parte do significado dela". Eu lembrei desse trecho porque quando a gente vê uma coisa num lugar inesperado, a gente tenta encontrar um sentido pra aquilo estar ali. Se a escova de dentes tá na geladeira, tem alguma razão pra isso, né? E aí, na hora de encontrar essa explicação, tudo ao redor dela começa a fazer parte do significado dela.

Desde que a baleia foi vista pela primeira vez ali no Tapajós, no dia 14 de novembro de 2007, até ela morrer uns dias depois, tudo o que tava ao redor dela influenciou o significado que ela tinha. Primeiro, de um jeito bem básico: ninguém achou que era uma baleia. Uma cobra gigante, um jacaré, pensaram em qualquer coisa... menos numa baleia. Depois, quando ela já tinha morrido, o entorno influenciou a resposta que os ribeirinhos deram pra como ela tinha ido parar ali. A baleia, agora vítima de uma tragédia, só podia ser vítima da mesma tragédia que aqueles ribeirinhos. Do desmatamento. Da pesca ilegal. Do garimpo. Da ameaça ao modo de vida dos ribeirinhos. Pouco importa se a história de um barco que rouba água boa é verdade ou não, porque a destruição ao redor é bem real.

Branca Vianna: Essa foi a Natália Silva, produtora aqui da Rádio Novelo.

O Fábio Zuker, jornalista e antropólogo, é também autor do livro *Vida e morte de uma baleia-minke no interior do Pará e outras histórias da Amazônia*, publicado em 2020.

Música: Minke Subiu – Maria Lidia

*Ela conheceu as águas do mundo
Do Egeu, ao breu do mar mais profundo
E a ensolarada costa africana,
Copacabana, Sydney, Panamá
Se estreitou em Gibraltar no outono
Esguichou na gueixa e no seu quimono
Viu piratas no caliente Caribe,
De Johnny Depp, tentou se aproximar
A Minke cantou em Helsinque
E chorou no Haiti
Com insônia, foi pra Patagônia
E dormiu no Havaí
Dançou entre Cuba e Aruba
Fez pares, pariu seus filhões
Comeu camarões, calamares,
Milhares de peixes, siris, mexilhões*

*Mas, na linha imaginária do mundo
Distraiu-se por um mero segundo
E entrou na contramão do oceano
E, por engano, seguiu o seu algoz
Pois subiu o Tapajós, a coitada
Até encalhar na praia isolada*

*E cansada de água doce, na areia,
Minke, a baleia, foi-se, calou a voz*

Branca Vianna: A gente acabou de ouvir a música "Minke subiu", da cantora amazonense Maria Lidia.

Agora, vamos pra segunda história do nosso programa. A internet é um terreno muito fértil pra coisas fora de contexto, né? Um político faz um discurso, rapidinho alguém edita um trecho da fala dele, e esse trechinho tá circulando no Twitter, no WhatsApp...

Os gifs, as figurinhas, os memes que a gente usa todo dia pra se comunicar são cortes de um filme, de uma série, de um vídeo qualquer no YouTube... uma foto ou um vídeo curtíssimo, totalmente tirado de contexto – e que, de alguma forma insondável, ajudam a gente a comunicar um sentimento, a responder alguém ali, rapidinho...

Eu sempre fico pensando: quem é que se dá a esse trabalho? De curadoria, de edição, de disponibilizar na rede pras outras pessoas usarem... porque é um trabalho, né? Mas um trabalho sem remuneração e sem autoria.

E como é que é virar um meme?

A Paula Scarpin e a Flora Thomson-DeVeaux, diretoras aqui da Novelo, contam a história de um meme que você com certeza conhece.

ATO 2

Paula Scarpin: Em 2012, a artista plástica Elisa Riemer fez um canal no YouTube.

Flora Thomson-DeVeaux: Não é que ela fez um canal...

Elisa Riemer: É, na verdade eu não fiz um canal, eu tinha um Gmail e, e eu usava às vezes pra fazer upload de algumas paradas que eu quisesse, mas eu nunca pensei assim: "Aí, vou fazer esse canal..."

Paula Scarpin: É, não foi caso pensado, mas dá pra dizer: foi feito um canal. E ela começou a subir alguns vídeos aleatórios nesse canal.

Flora Thomson-DeVeaux: O primeiro era uma espécie de road movie.

Elisa Riemer: Eu tava... eu tava... era uma das primeiras viagens que... que eu fiz com uma ex-namorada e aí eu, eu tinha pego um dos meus primeiros celulares que filmava, porque antes eu tinha aquele Nokinha assim, aquele Nokinha preto. E aí eu queria [risos] ver que que era a filmagem, como que se filmava no celular.

Paula Scarpin: Depois tem um vídeo já mais "artístico", que tem um pouco mais a ver mais com o trabalho que ela faz hoje, de stop motion...

Elisa Riemer: É, stop motion... eu eu tava fazendo um teste de bonequinho de massinha, e aí eu tirava foto e editava pra eu experimentar o que que era stop motion.

Paula Scarpin: Aí tem também uns curtinhos, de 1 segundo, 2 segundos...

Elisa Riemer: Era teste de upload, porque eu tenho muita dificuldade, gente, com celulares, aparelhos e computadores e todas essas coisas...

Flora Thomson-DeVeaux: Então, peraí vamos só falar de visualizações. Então primeiro, o road movie tem 353 visualizações, o bonequinho stop motion tem 220, os dois de um segundo tem 87 e 215 visualizações... e aí o vídeo número 5 tem 5,6 mil e aí o sexto...

Paula Scarpin: que é praticamente o mesmo do do quinto, tem quase... *[Flora junto]*
três milhões!

Elisa Riemer: Erro de upload mais uma vez! Eu achei que não tinha feito e fiz o upload de novo...

Paula Scarpin: Eu chequei agora, antes desse episódio sair, e vi que esse canal da Elisa não tava mais no ar... aí eu perguntei pra ela e ela disse que não tinha a menor ideia do que tinha acontecido.

Flora Thomson-DeVeaux: É, ela disse que não era muito ligada em tecnologia, né?

Paula Scarpin: É.

Flora Thomson-DeVeaux: Mas, enfim, é muito fácil achar esse vídeo em outros canais... porque, ao contrário dos outros, esse não foi um vídeo que a Elisa filmou. Ela só editou de um programa de TV. Você com certeza já viu. Era esse aqui:

Caetano Veloso: *Como você é burro!*

Paula Scarpin: Essa voz, não sei se você já reconheceu, é do Caetano Veloso. E é bem possível que, só de ouvir essa frase, já te venha uma imagem muito específica do Caetano, num close, com a câmera bem fechada nele, um corte de cabelo bem anos 70, assim...

Flora Thomson-DeVeaux: Uma juba maravilhosa...

Paula Scarpin: Sim, um cabelo super armado, muito bonito, mas... A gente faz rápido essa sinapse do Caetano falando "como você é burro" pra essa foto porque isso virou um meme.

Paula Scarpin: Mas se você se ligou que tinha criado um meme? Eu não sei nem se a gente já usava essa palavra em 2012, "meme"...

Elisa Riemer: Eu também acho que não, mas eu achei que tinha viralizado, vamos se dizer, né? Porque eu falava mais disso, assim: "ai tal vídeo viralizou".

Flora Thomson-DeVeaux: A Elisa nem tava pensando nesses termos, "meme". Mas quando ela editou aquele vídeo, ela já tinha a intenção de usar esse pedacinho da entrevista do Caetano com o mesmo objetivo que a gente usa meme, gif, figurinha...

Elisa Riemer: eu tinha um engajamento político com a Marcha das Vadias... e, nessa época que eu tava na ativa, minhas amigas acadêmicas, que eu conheci ali durante a marcha, né? E aí tinha o rolê dos esquerdomachos, da galera vinha em cima do feminismo, e aquela loucura e as minhas amigas inteligentíssimas respondiam tudo com textão, assim, aqueles textão acadêmico, aquela coisa linda... E que eu falava assim: "Cara, isso não é pra mim, eu não vou ler uma Simone de Beauvoir inteiro, eu não vou conseguir pegar essa teoria, eu não vou ler Foucault, cês tão maluca?" E isso eu falei: "Não, preciso fazer de alguma forma que eu consiga responder as pessoas, né, no Facebook, naquela loucura e que eu tô aliviada, eu falo: 'não, é isso aí mesmo, maluco, cê é burro e pronto'".

Paula Scarpin: A Elisa queria ter um jeito pra responder rápido pra alguém de quem ela discordava... Ela queria desqualificar a colocação desses caras, desses "esquerdomachos" que tavam criticando a Marcha das Vadias... mas sem precisar falar nada, só jogando ali o vídeo na resposta...

Flora Thomson-DeVeaux: Tacando o meme. Na verdade, inventando esse meme específico pra isso.

Elisa Riemer: E eu já tinha o hábito de estar no trabalho e ouvir entrevistas, né? Entrevistas do Cazuza, entrevista do Caetano, entrevista da Elis Regina e tem várias frases deles assim incríveis, né? Em vários vídeos, eu já tive vontade de editar e enfim. Mas esse era uma das entrevistas que eu mais gostava porque eu fiquei pensando: "O cara fez isso na rede nacional, ele... ele

arregaçou com todo mundo ali sem medo de processo, sem medo de nada".
Então é... é... esse corte era pra responder as pessoas, assim, porque eu tava cansada de tentar responder de forma política, assim, engajada e eu não tinha isso, não era algo meu.

Paula Scarpin: Bom, só que meme só vira meme mesmo quando ele ganha vida própria.

Elisa Riemer: eu não pensei que fosse ter esse esse tanto de visualização também, depois eu vi que tinha camiseta, que tava rolando várias paradas daí nossa eu super dava risada eu achava uma situação completamente engraçada né? "Nossa quem diria, né?"

Flora Thomson-DeVeaux: Mesmo sem planejar, só no instinto, quando a Elisa editou aquele vídeo, ela acabou seguindo uma fórmula bem básica do meme, que é: ser suficientemente aberto pra poder ser aplicado em várias situações.

Paula Scarpin: Sim, tipo: beleza, a Elisa fez o vídeo pra responder aos caras machistas que tavam enchendo o saco dela e das meninas da Marcha das Vadias... mas o próprio cara que recebeu o meme da Elisa pode depois mandar esse meme em outro contexto completamente diferente, porque a mensagem é a mesma, né?

Flora Thomson-DeVeaux: Como você é burro, no caso.

Paula Scarpin: Agora, você sabe... Você lembra, né, porque você assistiu a entrevista inteira com quem que ele tava falando?

Elisa Riemer: Eu não sei quem que é essa pessoa.

Flora Thomson-DeVeaux: Será que a gente pega...

Paula Scarpin: A pergunta? Pode ser.

Geraldo Mayrink: *Caetano, quem são verdadeiramente os seus inimigos? Que que cê anda fazendo? Por que você fala tanto em patrulha e fala também de rádio patrulha?*

Elisa Riemer: Coitado desse homem...

Geraldo Mayrink: *Você não acha que seria mais ético, mais profissional, inclusive, você se servir dos meios de comunicação de massa, que você se serve largamente, para falar mal dos meios de comunicação de massa, em vez de encomendar um anúncio para a multinacional para qual você trabalhe, pagar, como anúncio do Caetano Veloso? Ou você acha que a imprensa, de acordo com governo, é feita para elogiar? E só isso.*

Caetano Veloso: Não...

Elisa Riemer: Coitado desse homem...

Paula Scarpin: Você entende alguma coisa da pergunta?

Elisa Riemer: Meu, eu não entendo direito, mas eu achei que o que ele quis dar uma provocada, assim, eu achei que ele, tipo, falou: "eu vou dar uma cutucada e vou calçar ele pra ver até onde ele vai". E a gente viu onde é que ele vai, né?

Gustavo Mayrink: Você vê que ele tá pistola já na abertura, né? O olhar, assim...

Flora Thomson-DeVeaux: Esse é o Gustavo Mayrink. E ele também conhece bem esse vídeo.

Paula Scarpin: Quantas vezes você já viu isso, Gustavo?

Gustavo Mayrink: Eu já vi em todos os formatos e variações possíveis, como gif, como vídeo, como PowerPoint, como bom dia no grupo do WhatsApp, como tudo, assim. Ele teve todos os desdobramentos possíveis. Às vezes, eventualmente, amigos usando isso e eu falava: "Cara, não usa isso, não. Você não sabe o contexto. É uma ofensa que você tá fazendo." E eu nem dava a claquete e a pessoa falava assim: "Cara, esse cara é louco, né? O quê que ele tá me policiando aqui, que eu tô usando uma piada, um gif?"

Flora Thomson-DeVeaux: Essa patrulha, é uma patrulha.

Paula Scarpin: Uma patrulha, exatamente!

Gustavo Mayrink: É, uma patrulha memética, né?

Caetano Veloso: Eu acho graça que tantos jornalistas me perguntam sobre patrulha. Se você pensa que pode deduzir das coisas que eu falo isso, você é mais burro ainda do que parece quando fez a pergunta, não é o Geraldo, Geraldo Mayrink esse daí? É o Geraldo Mayrink...

Flora Thomson-DeVeaux: Cara, mas quando ele fala: "Não é esse o Geraldo Mayrink?", meu sangue gela. É uma coisa de, assim, eu vou dar o bote, assim, com nome e sobrenome.

Gustavo Mayrink: Sim, sim...

Paula Scarpin: Eu sinto isso parecido com a Flora, parece que ele tá falando pra mim, assim, tipo...

Flora Thomson-DeVeaux: Eu sou o Geraldo Mayrink!

Paula Scarpin: Eu sou o Geraldo Mayrink quando eu tô ouvindo ele (risos).

Gustavo Mayrink: Eu também... ao mesmo tempo, eu sentia, era um misto de... não de raiva, mas, pô, o cara sabe o nome do meu pai.

Flora Thomson-DeVeaux: Gustavo Mayrink, Geraldo Mayrink... não é coincidência. Filho e pai.

Gustavo Mayrink: Era, era quase uma... o inimigo reconhecendo a potência ou valor do seu outro inimigo, sabe? Não é que ele não sabia quem era o meu pai, eu acho que, de certa forma, esse reconhecimento, pra mim, dizia alguma coisa. Não era um anônimo, então, para mim, ele entrava muito mais como um reconhecimento do que como uma ofensa, embora a ofensa tivesse por todas as partes, mas era mais uma... ah, então ele tá falando com quem ele conhece, ele tá reconhecendo, ele sabe quem é. Isso me trazia um certo conforto.

Paula Scarpin: O Caetano sabia; eu não tinha ideia de quem era o Geraldo Mayrink quando o Gustavo me escreveu. E o que o Gustavo tava querendo mesmo era resgatar a memória do pai dele.

Gustavo Mayrink: Meu pai faleceu em 2009 e, quando eu fui me desfazer das coisas dele, eu comecei a descobrir que ele guardou silenciosamente tudo que ele escreveu ao longo da vida. Tudo, absolutamente tudo. Do primeiro texto, em 1960, até o último, em 2009. Os originais. E eu fiquei encucado. O quê que eu vou fazer com isso? Eu vou doar para alguém? Eu vou ligar para uma faculdade de jornalismo? Eu vou fazer um livro? E eu passei esses últimos 10 anos trabalhando em cima disso, com idas e vindas, até que eu cheguei num formato que é um site, onde eu vou colocando, assim, de uma maneira bastante aleatória, mas com um critério editorial, os principais textos que ele escreveu ao longo dos 50 anos, né?

Paula Scarpin: O grosso do que ele cobria era sempre cultura, né?

Gustavo Mayrink: Cultura, o grosso era cultura. Foi editor de cultura nos principais veículos que ele passou, mas a obra dele é tão vasta que eu também não queria reduzir a um editor de cultura porque eu vi que ele escrevia sobre tudo. Então eu descobri, assim, que o meu pai cobriu dois shows do Menudo.

Paula Scarpin: Mas ó, Menudo é cultura também, Gustavo! Achei que você fosse falar futebol, achei que você ia falar, tipo...

Gustavo Mayrink: Não, futebol também! Ele fez o último jogo do Garrincha no Maracanã...

Flora Thomson-DeVeaux: Garrincha também é cultura.

Gustavo Mayrink: Tá bom, eu vou tentar mais uma vez! Ele... Ele fez um tratado sobre a burocracia que foi capa da Veja nos anos 70. Aí, realmente, tem que ter o dom pra poder escrever sobre burocracia e ser um texto agradável de ler, né?

Flora Thomson-DeVeaux: Aí sim.

Paula Scarpin: Aí acho que vai ser difícil de a gente dizer que burocracia é cultura.

Flora Thomson-DeVeaux: O site do Gustavo tá linkado lá no site da Rádio Novelo pra quem quiser ver. Os textos do Geraldo realmente são muito gostosos de ler.

Paula Scarpin: É, um pouco antes dessa conversa, o Gustavo me mandou um e-mail falando do site — mas não era exatamente assim um release de imprensa... Eu vou ler um trequinho aqui.

Paula Scarpin: Meu pai, ainda na Veja, fez uma resenha de três discos de artistas que se aproximavam dos 40 anos: Ney, Erasmo e Caetano, que estava lançando "Muito".

Paula Scarpin: "Muito" era o nome do disco do Caetano.

Paula Scarpin: Nesse mesmo ano os dois se encontraram no "Vox Populi" da Cultura num conturbado e memético acontecimento que você deve se lembrar: meu pai virou o burro do Caetano.

Caetano Veloso: ... cê é burro, cara, que loucura. Burrice. Eu não... não, não... eu não consigo gravar muito bem o que você falou porque você fala de uma maneira burra.

Paula Scarpin: Você tinha o quê? Uns 3 anos, né, Gustavo quando isso aconteceu?

Gustavo Mayrink: Tinha, eu sou de 75, isso aconteceu em 78. Assim, eu não tenho a menor lembrança disso. O curioso é que ele virou um meme depois que meu pai já tinha morrido, né, em 2012. Meu pai já tinha morrido, eu sabia dessa história por lembranças afetivas, mas nunca foi discutida, ela nunca foi aberta, porque era uma lembrança analógica de todo mundo, inacessível, então eu ficava só num telefone sem fio, num, enfim, numa fofquinha familiar e de amigos, mas, assim, a claquete que eu tinha era assim: "Seu pai não se dá bem com o Caetano", "Seu pai brigou com o Caetano", "O Caetano xingou o seu pai". Era isso, eu não sabia o quê que...

Paula Scarpin: Mas quem te falava isso? Sua mãe?

Gustavo Mayrink: Mãe, amigos, é, familiares. Falavam, mas eu não sabia o que era, e, de repente, eu comecei a ver aquele programa ao vivo, na Cultura a reprise, não foi nem no Youtube. Passou na Cultura, de fato, antes de ir pro Youtube. E daí na apresentação, a apresentadora fala assim: "Ah, e nesse

programa aconteceu um episódio onde o Caetano Veloso discutiu com o jornalista Geraldo Mayrink...", daí eu falei: "Nossa! É isso!" e eu fiquei esperando pra ver aquilo. E, quando entrou a cena, primeiro eu fiquei encantado de ver meu pai em vídeo, que era uma coisa rara, né?. Eu falei: "Olha, meu pai em vídeo".

***Geraldo Mayrink:** Caetano, quem são verdadeiramente os seus inimigos?*

Gustavo Mayrink: "Como ele é ruim de vídeo, ainda bem que ele foi pra parte escrita!", né? Meu pai tinha a dicção... falava mal...

***Geraldo Mayrink:** Você não acha que seria mais ético, mais profissional inclusive, você se servir dos meios de comunicação de massa, que cê se serve largamente, pra falar dos meios de comunicação de massa?*

Gustavo Mayrink: Entendeu? Você não entendia direito, eu falei: "Ainda bem que ele foi pra, pra... pra área escrita".

***Geraldo Mayrink:** ... ou você acha que a imprensa, de acordo com o governo, é feita pra elogiar e só isso?*

***Caetano Veloso:** Não... cê é burro, cara...*

Gustavo Mayrink: Daí o Caetano começa a falar, começa a dar a resposta, assim, daí eu falo: "Uhm... uhm... uhm..." e, assim, daí o Caetano passa 5 minutos detonando o meu pai, mas detonando... É, sendo agressivo, pedindo a cabeça dele, conclamando uma suposta renovação de quadro da imprensa brasileira.

***Caetano Veloso:** Meu problema é o seguinte: renovação de quadros! Tirar gente incompetente e tirar gente... como é que*

se diz? Desonesta, como você, do serviço. Tirar você do emprego. Batalhar pra que gente como você não fique mais... é política. Não é contra os meios de comunicação de massa... não, meu filho, é outras palavras.

Gustavo Mayrink: E, assim, eu fiquei meio chocado quando eu vi aquilo, né? "Caetano, renovação de quadro, meu amigo", né?. Eu acho, é um discurso muito... é um discurso muito perigoso, né? Essa parte final é a que mais me pega. Essa, tipo, essa é muito agressiva, é muito desleal, até porque meu pai não estava no estúdio pra poder rebater, né? Então é um programa traiçoeiro o Vox Populi, porque a, a pessoa pergunta e fica por isso mesmo.

Paula Scarpin: Eu vou fazer só um parêntese aqui, porque, na minha cabeça, o meme tinha sido editado de um Roda Viva, com o Caetano — mas o Roda Viva é outro programa da TV Cultura, que existe até hoje. Já o Vox Populi não existe mais, mas ele tinha uma estrutura um pouco parecida porque o convidado fica no centro da roda — mas as perguntas eram gravadas por pessoas conhecidas, jornalistas, gente na rua, enfim... mas elas eram gravadas, né? Como o Gustavo disse, elas não tavam ali no estúdio pra rebater a resposta do entrevistado.

Gustavo Mayrink: E essa parte é a que mais me pega, porque, de fato, ele pediu a cabeça do meu pai em TV aberta, né? Pediu o emprego. E já era o Caetano Veloso, então, assim, se meu pai não fosse uma pessoa de prestígio e de talento, cara, talvez ele tivesse dançado nessa, né? Talvez eu não estivesse aqui, eu tivesse passado necessidade, estaria morando em algum outro lugar, né? Meu tio, enfim, que vivia na minha casa, tem muito mais mágoa que eu...

Adolpho Sormani: Meu nome é Adolpho Sormani. Cunhado do Geraldo Mayrink, que foi casado com minha irmã, Maria do Carmo, tio e padrinho do Gustavo Mayrink.

Flora Thomson-DeVeaux: E o Adolpho, cunhado do Geraldo, assistiu aquele Vox Populi no dia em que passou na TV aberta, lá em 78.

Adolpho Sormani: Porque era um programa muito interessante na época...

Paula Scarpin: E você sabia que o Geraldo ia participar?

Adolpho Sormani: Não, provavelmente ele deve ter comentado, vou fazer uma pergunta, qualquer coisa assim, mas não tenho essa lucidez, não sei... Mas houve um fato que chocou, que foi quando ele encerra a pergunta com a sugestão de que o Geraldo devia perder o emprego porque era desonesto.

Caetano Veloso: *Desonesta, como você, do serviço...*

Adolpho Sormani: Isso soou na época muito violento. Geraldo era uma pessoa ética, correta, arrimo de família. E se ele não fosse um profissional tão competente com a qualidade de texto que ele tinha... eu me emociono até, tá? É... se ele não gozasse do prestígio que ele tinha dentro da empresa em que ele trabalhava, pela sua qualidade profissional, talvez ele tivesse sido demitido, sim.

Flora Thomson-DeVeaux: Quer dizer: pro Gustavo — e pro Adolpho também —, a parte que mais pegou do "monólogo" de 5 minutos do Caetano esculachando o Geraldo Mayrink era menos a parte que virou meme, e mais o pedido de renovação de quadros.

Paula Scarpin: Sim.

Flora Thomson-DeVeaux: Que mais parece coisa de político que liga pra jornal pra pedir a cabeça de repórter que fez alguma denúncia contra ele, né?

Paula Scarpin: Sim, total.

Flora Thomson-DeVeaux: E esse "piti" do Caetano podia ter tido algum efeito real na carreira do Geraldo Mayrink.

Paula Scarpin: Podia.

Flora Thomson-DeVeaux: Ele podia ter sido demitido da Veja, depois ficar "queimado" no mercado, ter dificuldade de arrumar emprego...

Paula Scarpin: Com certeza podia. Mesmo o Caetano não sendo político ou — sei lá — dono de alguma multinacional que anuncie na imprensa... tinha um desequilíbrio de poder ali, né?

Flora Thomson-DeVeaux: É.

Paula Scarpin: Mas isso é o que podia ter acontecido. Não foi o que aconteceu — o Geraldo continuou trabalhando na Veja. E a gente até tentou descobrir se o "piti" tinha tido alguma consequência ali pra ele na redação. A gente pegou o expediente, né, o expediente é aquela lista dos jornalistas que fazem cada edição e foi atrás do José Roberto Guzzo, que era o diretor de redação, do Roberto Pompeu de Toledo, que era editor... e nenhum deles lembrava desse episódio e nem tinha linkado ele com o Geraldo Mayrink.

Flora Thomson-DeVeaux: É, parece que não foi, assim, um rebuliço assim na redação.

Gustavo Mayrink: Mas ainda bem que a renovação de quadro, ela não foi tão levada, assim, ao pé da letra, né?

Paula Scarpin: E você lembra como ele, Geraldo, reagiu, assim... vocês conversaram sobre isso?

Adolpho Sormani: Sim, evidentemente, nos.. bom, primeiro que houve uma enxurrada de solidariedade né? Você imagina, o telefone não parou de tocar três dias, claro, né? Mas o Geraldo era uma pessoa muito boa. Ele resolveu relevar o fato, sabe? À forma dele, e a coisa foi aliviando, e pra simplificar e finalizar, meninas, virou piada na família, entendeu?

Paula Scarpin: É mesmo? Piada como?

Adolpho Sormani: Ah [risos], "Vamos passar fome", "Vamos ser demitido"... a gente morria de rir nos almoços, nos jantares, entendeu?

Gustavo Mayrink: Então, assim, o meu pai, como jornalista de cultura, chegavam todos os discos nas redações e em casa e ficavam lá os discos, né? E, eventualmente em reuniões um pouco mais descontraídas... eu acho que a minha mãe punha pra provocar o meu pai, pra sacanear... eu lembro deles falando assim: "Vamos botar o disco do Caetano pra provocar o Geraldo!" Porque eu acho que, de fato, por mais que ela pudesse gostar das músicas, eu acho que o baque foi tão grande com aquele episódio, que acaba se perdendo um pouco do encanto.

Adolpho Sormani: De ídolo que ele foi, até porque da minha geração, né? Acompanhamos tudo, a primeira aparição dele foi fantástica, né?... Tudo, tudo bacana, né? Então de ídolo, ele virou... ele virou nada... na família, né? Perdeu-se o tesão, foi pra geladeira... e aqui na minha casa não escutamos, nunca mais escutamos, não temos, não acompanho, não sei o que que ele faz hoje.

Paula Scarpin: Antes disso, antes disso você ouvia Caetano, gostava dele.

Adolpho Sormani: Sim, fanaticamente, éramos todos fanáticos. Claro que sim. Aí tem uma coisa meio passional, nós somos família italiana também, né? Mexe com um, mexe com todos, né isso?

Paula Scarpin: E desde então você não ouve Caetano?

Adolpho Sormani: Não, não, não, não, não, não, não sei, não sei o que faz, não sei o... Não tenho o menor interesse em saber...

Gustavo Mayrink: E, de fato, não se ouvia. Eu não ouvia Caetano Veloso em casa e só depois eu comecei a entender o porquê. Ouvia-se Chico Buarque, ouvia-se Elis Regina, ouvia-se Gilberto Gil, ouvia-se Tom Jobim, mas Caetano eu não tenho essa memória musical na minha infância, da minha adolescência. Só depois que eu liguei os pontos, eu ouvi... eu nunca perguntei também, porque não era um assunto discutido com as crianças, mas o que eu pescava era, assim: "Tiveram um discussão", "Tiveram uma briga", "Caetano não gosta do seu pai", "Seu pai não gosta do Caetano", então, por consequência, procuramos ouvir outras referências musicais aqui em casa.

Paula Scarpin: E você, hoje em dia, ouve Caetano?

Gustavo Mayrink: Não, eu confesso que eu nunca ouvi muito, eu acho que por uma consequência dos fatos e por não ter ouvido em casa você acaba não, enfim, não tendo essa memória afetiva e sonora.

Paula Scarpin: Teve um, um movimento de alguém fazer um clipe só desse momento em que o Caetano falando só "você é burro", que virou um pouco uma piada na internet, né, um meme... Você se lembra desse... foi depois que o Geraldo já tinha morrido, não sei se você acompanhou isso.

Adolpho Sormani: Não, não vi, não, meninas, não vi, não vi, não vi, não vi...

Gustavo Mayrink: O meu tio tem muito mais mágoa que eu, até porque, primeiro que ele não entende o caráter memético da história toda. Ele não sabe que virou um meme, que aquilo eventualmente é usado como piada. Na verdade, é sempre usado como piada, por mais que nos ofenda como parte do contexto, é uma piada, é um meme e semanticamente eu acho um meme muito engraçado. "Como você é burro" é um meme engraçado. Eu, descolando do personagem, serve pra tudo, né? É um meme que ele é muito sintético, quando você quer expressar alguma coisa num espaço curto de interação digital. Ele é muito sucinto, né? Ele cumpre o papel dele. Uma das

coisas que eu queria fazer também no, no meio dessa história toda era tentar desconstruir o meme. Era tentar, sabe? Mas fazer um meme que anulasse o meme, eu comecei a entrar nessa piração, mas isso é impossível.

Flora Thomson-DeVeaux: Tá muito tarde, Gustavo!

Gustavo Mayrink: É, os algoritmos já me traíram, num dá.

Flora Thomson-DeVeaux: Pô, já faz parte da história da Internet, tinha que ter entrado ali em 2012...

Gustavo Mayrink: Tinha, tinha que ter entrado antes... É que daí, como todo meme, ele começa a ter desdobramentos, daí alguém vai tentar descobrir a origem do meme e daí fala assim: "Ah, é a história do Geraldo Mayrink. É a história do Geraldo Mayrink." Além do fato de ele usar um argumento que depois eu descobri que num... que não é verdade. O argumento...

Paula Scarpin: Qual?

Gustavo Mayrink: O argumento sobre a crítica.

***Caetano Veloso:** É o Geraldo Mayrink, né? Pois é. Você escreveu naquela crítica do disco "Muito", por exemplo...*

Gustavo Mayrink: Ele fala que... de fato, meu pai fala que o "Muito" é um disco regular do Caetano, que tá... que tem má poesia alheia. Só que em nenhum momento ele cita os exemplos que o Caetano deu.

***Caetano Veloso:** Porque que você não poderia jamais escrever sobre música popular sem conhecer, é, "boneca de piche" e sem conhecer, é, "olha para o céu, meu amor". Quer dizer, você escreveu a canção do meu disco pichando versos que são*

citações minhas de grandes clássicos da música brasileira, dizendo que eram maus versos meus, quando os versos nem são maus nem são meus...

Paula Scarpin: É... a gente pegou o trecho e tem esse momento do artigo do seu pai, que ele fala...

Gustavo Mayrink: Eu tenho ele aqui também, se vocês quiserem eu posso ler.

Paula Scarpin: Ah, é melhor você ler a partir desse intertítulo "Luz nas trevas".

Gustavo Mayrink: Ele fala assim: "Com seu irmão gêmeo de trabalho, Gilberto Gil, ele verseja em 'São João, Xangô Menino': 'Olha pro céu, meu amor / Veja como ele está lindo'".

Música "São João, Xangô Menino", de Caetano Veloso: Olha pro céu, meu amor / Veja como ele está lindo...

Gustavo Mayrink: "... E, como se não bastasse cantar má poesia de sua própria autoria, Caetano ainda endossa, como sempre endossou, a versalhada e a cacofonia de Jorge Ben em 'Quem cochicha o rabo espicha'". Bem, eu acho que aí, de fato, a gente consegue encerrar... encerrar não, mas abordar um ponto que o Caetano fala que não condiz. As letras, os exemplos que o Caetano deu não estão nessa resenha.

Flora Thomson-DeVeaux: Quer dizer, tem o "Olha pro céu, meu amor"...

Paula Scarpin: Nesse primeiro momento, esse do... é, "Olha pro céu, meu amor", que, pelo que eu entendo, ele tá criticando esse verso como ruim, né? Esse... o de "São João, Xangô Menino", "Olha pro céu, meu amor / Veja como ele está lindo" e aí, na sequência, ele fala: "e, como se não bastasse cantar má poesia de sua própria autoria...", eu tô entendendo que ele tá falando que a má poesia é esse verso do "Xangô Menino", não?

Gustavo Mayrink: Acho que sim. Mas é que ele fala de autoria alheia, não é do Luiz Gonzaga, que o Caetano cita, é do Jorge Ben, né? Que é "Quem cochicha o rabo espicha".

Flora Thomson-DeVeaux: É, mas é, essa é que seria a alheia, então ele tá, atribuindo, de fato, o "Olha pro céu, meu amor" ao Caetano...

Paula Scarpin: Ao Caetano. só que essa "Olha pro céu, meu amor" é do Luiz Gonzaga.

Gustavo Mayrink: Ah, é?

Flora Thomson-DeVeaux: É.

Paula Scarpin: É.

Flora Thomson-DeVeaux: Na verdade, do Luiz Gonzaga e do José Fernandes.

Música "Olha pro céu, meu amor", de Luiz Gonzaga:

Olha pro céu, meu amor/ vê como ele está lindo...

Gustavo Mayrink: "Com seu irmão gêmeo de trabalho... com seu irmão gêmeo de trabalho, Gilberto Gil, ele verseja em 'São João, Xangô Menino'...", a letra é do... é do Luiz Gonzaga?

Paula Scarpin: Só esse trecho "Olha pro céu, meu amor / Veja como ele está lindo", ele tá citando um verso do Luiz Gonzaga no meio do "Xangô Menino", assim, ele só cita...

Gustavo Mayrink: Tá, entendi. Então nesse ponto faz sentido o argumento...

Paula Scarpin: É, eu acho que sim... É complexo, porque ele escreve e o texto dele é difícil de ler, assim...

Gustavo Mayrink: Sim, sim.

Flora Thomson-DeVeaux: Aí tem... você continua lendo nessa parte, só "no entanto, mesmo nesse disco..."

Gustavo Mayrink: "No entanto, mesmo nesse disco em que tudo parece durar uma eternidade a mais, refuge de vez em quando uma das armas de Caetano: a capacidade de surpreender. Em 'Eu te amo', acompanhado ao piano, revela-se um excelente cantor de boate, apesar da intromissão das palavras 'azeviche' e 'jabuticaba'."

Música "Eu te amo", de Caetano Veloso:

Da cor do azeviche, da jabuticaba...

Flora Thomson-DeVeaux: Então, aí tá a "Boneca de Piche". Isso é... ele tá... as palavras "azeviche" e "jabuticaba" constam da letra de "Boneca de Piche", aí Caetano tá citando "Boneca de Piche" dentro de "Eu te amo".

Gustavo Mayrink: Ah, entendi. Entendi, que também seria o outro exemplo que o Caetano fala na... tá. Então...

Paula Scarpin: Isso... ele fala "da cor"... no "Boneca de Piche" tem um verso que é "da..."

Música "Boneca de piche", de Ary Barroso:

Da cor do azeviche, da jabuticaba, boneca de piche, é tu que me acaba...

Paula Scarpin: Eu não se... Como talvez ele tenha colocado só isso, a impressão que eu tenho é que seu pai entendeu isso como sendo um verso ruim, que é que ele termina falando: "nem são maus, nem são meus" [risos]. O que parece que ele tá fazendo é quase um poeminha no final do esporro, acho que é isso, assim, que ele tava usando, citando um verso do Luiz Gonzaga em um e do Ary Barroso no outro.

Gustavo Mayrink: Certo.

Flora Thomson-DeVeaux: E já que a gente tá zelando pela precisão, a checagem informa que a música é do Ary Barroso e do Luiz Iglesias.

Paula Scarpin: E agora? Muda alguma coisa do que você pensa?

Gustavo Mayrink: Muda, porque lendo essa resenha me parecia que, quando ele cita as músicas, não eram as referências que o Caetano tinha falado. E ali, de fato, o Caetano, ele tem argumentos consistentes pra dizer: "Não, esses versos não são meus e não são ruins". Aí também já é uma coisa de opinião, né? Se são bons ou não, aí eu acho que o papel do crítico deveria prevalecer.

Paula Scarpin: Sei. Eu queria saber se você já conheceu o Caetano pessoalmente e já falou com ele sobre isso.

Gustavo Mayrink: Não, nunca falei. Nunca falei.

Paula Scarpin: Você tem vontade de falar com ele?

Gustavo Mayrink: Eu tenho vontade. Se ele tiver a fim de, de, de tratar isso com o mesmo... a minha intenção é jogar um outro tipo de luz sobre esse incidente, assim, não é, é ser um Michael Moore e falar: "Caetano! Eu poderia ter morrido de fome se o meu pai tivesse perdido o emprego!". Cara, dá pra fazer uma coisa incrível à Michael Moore aqui, né?". Perseguindo a família dele, falando: "Caetano, você não sabe, deixei de ir pra Disney em 82 por causa disso. Era um caminho, mas se o Caetano quisesse falar sobre isso de uma maneira leve... obviamente, não que não vá ser eventualmente tenso, mas... cara, acho que seria muito legal.

Flora Thomson-DeVeaux: Bom, a gente tinha uma missão, né?

Paula Scarpin: É, agora tava na nossa quadra mandar um e-mail pro Caetano e agitar esse encontro.

Flora Thomson-DeVeaux: E a gente achava que o Caetano ia topar, porque logo depois que o meme viralizou, ele escreveu uma coluna no Globo, que ele tinha naquela época, e ele dizia o seguinte:

Me mostraram um vídeo no YouTube em que estou dizendo a alguém "Você é burro, cara". Eu repetia que o cara era burro e dizia que ele formulara a pergunta de um modo tão burro que eu não conseguia sequer memorizar. Meu amigo Eduardo Sá achou de onde tiraram esse clipe. Foi de um programa de TV chamado "Vox Populi". É dos anos 70. Eu tinha o cabelo muito longo, muito preto e muito cacheado (esses dois últimos atributos sendo os de que tenho mais saudade). E falava com uma mistura um tanto estranha de moleza e arrogância.

Paula Scarpin: É, e por uma dessas coincidências da vida — que a gente sabe que não são coincidências, né, a renda é que é muito mal distribuída... — o Eduardo Sá que o Caetano tá falando é um amigo nosso, que trabalhou comigo na revista Piauí, Eduardo Heck de Sá.

Eduardo Heck de Sá: Pronto, tá me ouvindo? Cara, eu vou te falar, eu não lembro do momento... eu não me lembro se eu mostrei a ele fisicamente ou se... Ah, deixa eu ver no meu e-mail se... eu não sei se eu vou achar agora, Ah, achei! Ah, sim, aí eu falei "Olha o vídeo que comentávamos. De quem você estava falando?" Aí ele não respondeu. Aí eu mandei: "Encontrei o vídeo todo. Era um programa chamado Vox Populi". Aí ele não me respondeu por e-mail, então suponho que a gente tenha falado pelo telefone ou ao vivo, assim, sobre isso. Mas foi aqui, 5 de abril de 2013.

Paula Scarpin: Isso, a coluna é de 19 de maio de 2013. Você acha que ele falaria com o Gustavo? O Gustavo tem vontade de promover esse...

Eduardo Heck de Sá: Ah, acho que sim. Caetano adora essas coisas. Eu acho. Eu acho que, assim, só chegar do jeito certo. Acho que vale a pena vocês saberem que ele não acha bonito essas coisas, entendeu? Então, não chegar por esse lado do tipo "Ah, a gente ama seus pitis" Eu sei que vocês não fariam isso, mas só pra ... Porque eu acho que, assim, que se ele sentir, entendeu, que foi um jeito de fazer justiça com esse cara que talvez ele sinta que ele foi injusto, acho que aí é mais provável ainda que ele tope.

Flora Thomson-DeVeaux: Usando aqui a mágica da edição, a gente pode cortar da história mais de um ano de trocas de e-mail com o assessor, com a Paula Lavigne, com o próprio Caetano...

Paula Scarpin: Né? O que importa é que rolou. O Gustavo marcou uma viagem pro Rio, e a gente aproveitou pra dar aquela pressionadinha final...

Flora Thomson-DeVeaux: E fomos nós duas, o Gustavo, e a mulher dele, Nathalia, pro estúdio do Caetano.

Caetano Veloso: Então vamos...

Gustavo Mayrink: Obrigado por topar esse papo.

Caetano Veloso: Eu achei bacana você querer conversar comigo porque pode parecer uma coisa agressiva contra seu pai que se perpetuou ou não sei o que. É e tem algo disso, evidentemente. Mas posso contar todos os detalhes que você quiser.

Gustavo Mayrink: A gente tá aqui pra isso.

Flora Thomson-DeVeaux: Vamos começar do começo?

Gustavo Mayrink: Podemos.

Flora Thomson-DeVeaux: Eu pensei, Caetano, em começar, eu não sei, assim, quando que Geraldo Mayrink terá entrado no seu radar. Enfim, se tem alguma crítica antes dessa de 78, que cê... que te marcou ou não?

Caetano Veloso: Não, não, era um jornalista que eu conhecia de nome e passei a conhecer mais porque ele passou a escrever crítica de música na Veja, né?

Gustavo Mayrink: Uhum, Sim.

Caetano Veloso: Mas era um jornalista renomado, assim. E quando ele escrevia a crítica na Veja coincidiu de lançar o "Muito", né, que foi um fracasso de vendas e de crítica, sendo que a crítica mais ferina foi a do seu pai [risos].

Gustavo Mayrink: Sim.

Flora Thomson-DeVeaux: Vou só propor uma coisa aqui: que Caetano possa reler agora o texto...

Caetano Veloso: É, legal... engraçado, mesmo. Seu pai de fato, comete um dos erros terríveis, que é julgar que eram minhas palavras que eu estava usando como uma citação. Mas eu pensava que, mais do que... porque eu nunca revi, nunca procurei essa crítica. Estou relendo agora por curiosidade, tomando o tempo de vocês.

Gustavo Mayrink: Imagina. Mas você achava, então, que era... era mais mais agressiva do que relendo agora.

Caetano Veloso: É, achava. Mesmo porque, é, o que tem de realmente agressivo fica... tomava conta de tudo. Ter um negócio desses naquela altura, como o disco não estava vendendo... Porque tem uma questão que eu, naquela época, eu mal esboçava, é, articular na minha mente que é o negócio,

bom, o artista era conhecido de muitos, um artista que fica famoso e que faz sucesso é conhecido de muitos: o nome, a cara, tudo. E o jornalista pode ter um reconhecimento relativo... E às vezes o artista, é, se torna uma figura arrogante diante do jornalista, porque ele tem uma força redobrada em termos de influência na opinião, e isso depois que o negócio virou meme, depois da invenção da internet, do laptop e do smartphone [risos], eu ficava, eu ficava... aquele artigo que eu escrevi n'O Globo era sincero porque passei a sentir um certo mal-estar com relação a essa história que se deu entre seu pai e mim.

Paula Scarpin: Vocês se importariam de assistir vídeo de novo pra comentar?

Caetano Veloso: Não, eu assistiria...

Gustavo Mayrink: Como preferir.

Caetano Veloso: Não, você é burro cara, que loucura. Você é burro, que coisa absurda.

Paula Scarpin: O clima tava ótimo, super troca de gentilezas entre o Caetano e o Gustavo, mas eu confesso que me deu um frio na barriga quando o Caetano começou a rir com o vídeo...

Flora Thomson-DeVeaux: É, até na hora da "renovação de quadros" ele riu.

Paula Scarpin: Pois é...

Caetano Veloso: ... de batalhar para que gente como você não fique mais bonito? Não é contra os meios de comunicação de massa, não, minha filha, é outras palavras.

Flora Thomson-DeVeaux: Acabou.

Caetano Veloso: Mas também... A gente vendo, era... não era pequeno o que eu falei, era forte, agressivo e bem articulado assim... E eu tirando onda, pegando no cabelo. Eu tenho uma instintiva, meio desproporcional rejeição à Veja desde que ela...

Gustavo Mayrink: Eu entendo, muitas pessoas têm porque a Ve...

Caetano Veloso: Desde que ela apareceu. E que era um contexto que me era antipático de antemão. Mas eu também era crítico da minha própria rejeição à Veja, e entendia o que a Veja era mais ou menos e sentia que eu reagia assim e tentava controlar. E aquilo ali vinha todo contra mim, com erros que eu podia apontar. E a pergunta dele também me punha num lugar ...

Gustavo Mayrink: Foi uma pergunta bem... bem... bem agressiva, irônica, né?

Caetano Veloso: É, irônica. Parecia que ele tava, que ele ia me desconcertar. E foi o contrário. Então foi uma coisa, não podia ser diferente o resultado... Mas o que eu estava começando a dizer é que aqui, é, ele reclama do azeviche e da jabuticaba, que não são meus. Né? Na verdade, era uma homenagem a uma canção... que se ele que tinha se tornado o crítico de música da Veja, devia conhecer e celebrar. E então isso tinha me dado muita raiva. Mas...

Gustavo Mayrink: O que eu acho que ficou foi uma mágoa do meu pai. Eu acho que ele ficou magoado com esse episódio, a ponto de ter que tirar você do radar dele como artista. Então acho que ele não ouvia mais as suas músicas. Era uma casa, então, em que estava quase proibido ouvir Caetano em função desse episódio.

Caetano Veloso: Puxa...

Gustavo Mayrink: Mas que a gente tratava com bom humor. Então chegavam amigos que sabem do episódio assim "Geraldo, vou botar o Caetaninho aqui

que lançou", daí todo mundo dava risada. Mas era muito isso, tratado com bom humor. Não tinha raiva, não tinha...

Flora Thomson-DeVeaux: Olha, seu tio tem raiva...

Paula Scarpin: A gente entrevistou o tio dele...

Flora Thomson-DeVeaux: O tio dele, cunhado do Geraldo, não ouve sua música até hoje.

Caetano Veloso: [risos] Puxa vida...

Gustavo Mayrink: Uma pena para ele, né? Não sabe o que está perdendo, né? Eu também queria registrar como foi a minha relação com a sua música ao longo da minha vida, né? Eu me sentia meio proibido de ouvir e gostar internamente, moralmente, por causa de uma mágoa que eu não sabia qual era. Quando o meme veio à tona, aquilo ficou mais aflorado, né? Porque foi uma coisa que me chocou um pouco... e eu, fazendo esse projeto de resgate da obra dele, comecei a entender melhor... E daí recentemente, quando você falou que você tava disposto a conversar... aquilo me deu, assim, quase que uma autorização, assim: "agora eu posso ouvir sem nenhum sentimento de culpa, de traição a um legado do meu pai"... me senti autorizado a ouvir e gostar das suas músicas.

Caetano Veloso: Puxa vida. Eu acho muito bacana você ter querido falar comigo, porque em mim também... você veja, eu escrevi aquele negócio para o Globo.

Gustavo Mayrink: Isso já faz um tempo, né, que você escreveu aquilo?

Caetano Veloso: Faz tempo...

Gustavo Mayrink: Logo quando saiu o meme, né, você escreveu...

Caetano Veloso: É, quando saiu o meme... em pouco tempo, quando eu vi que estava muito, repercutindo muito, o pessoal me mostrando... e eu me sentia mal quando via... entendeu? Eu me sentia um pouco mal... hoje eu não me senti mal, não, que a gente tá aqui... E eu fiquei rindo, fiquei achando graça da minha velocidade, da minha mente, assim...

Gustavo Mayrink: Foram cinco minutos!

Caetano Veloso: É... É incrível, parece Ciro Gomes. [risos] A pessoa faz uma pergunta...

Paula Scarpin: Nessa altura, a Nathalia, mulher do Gustavo, que tava ali quietinha, não aguentou e comentou:

Nathalia: Assim que eu conheci o Gustavo, a primeira coisa que ele contou para mim foi: "Eu vou fazer um site pro meu pai, porque se você procurar o nome do meu pai no Google, a primeira coisa que aparece é o meme, e meu pai foi um..."

Caetano Veloso: Um jornalista com uma obra...

Gustavo Mayrink: Tinha isso também. Ele era... se você procurava Geraldo Mayrink, só vinha o meme, né?

Caetano Veloso: Mas eu acho que eu acho isso muito bom. E eu quando eu escrevi no Globo, no fundo, era... era esse tipo de equilíbrio de saúde social que eu buscava, porque não é virar uma... Parece que você mata um pedaço da, da história. Entendeu? Da, da, da densidade da história, da textura da história.

Paula Scarpin: O meme é um pouco isso, né? É um recorte meio aleatório.

Caetano Veloso: É. É engraçado, é legal. Mas a pessoa às vezes pode destruir uma reputação ou criar uma perspectiva desequilibrada, isso é...

Flora Thomson-DeVeaux: Tem uma coisa nessa história que não sai da minha cabeça. O meme do "burro do Caetano" nasceu num momento de muita briga. De muita briga no Facebook, especificamente. Em 2012, mas sobretudo em 2013, tinha gente querendo resolver o futuro do país não só nas ruas, mas também nas caixas de comentários. E quando a discussão degringolava — porque sempre degringolava —, alguém mandava um meme.

Flora Thomson-DeVeaux: Tacava Caetano, "como você é burro". Então ali é assim você vendo isso, se sentindo mal. Gustavo vendo isso, se sentindo mal. E aí, isso virando moeda de comunicação em massa, assim. Isso é, isso é muito curioso.

Caetano Veloso: É, sim.

Gustavo Mayrink: E meus amigos usavam o meme e eu ficava ofendido com isso. "Você não usa esse meme, você não sabe a história, respeita a história" E as pessoas, assim: "O que você está falando?"

Caetano Veloso: Parece que tá, tá ma... mexendo numa área ferida sua, magoando, assim.

Gustavo Mayrink: Ninguém sabia o contexto.

Caetano Veloso: Sem saber, é...

Flora Thomson-DeVeaux: Mas era justamente o meme que era a falência do diálogo. É a falência de, assim, acabou a conversa. "Como é burro, você é tão burro que eu não consigo responder a essa pergunta de tão burra". A pessoa postava onde estava o link do vídeo, ou postava um print. Enfim, mas acabou a conversa ali.

Paula Scarpin: É, mas é pra isso que os memes servem, né? Pra "acabar com a conversa", pra resumir o textão, pra terminar a discussão com uma piada — e com uma piada que pode ser ofensiva. E, no caso desse meme... foi exatamente pra isso mesmo que ele foi criado, né?

Elisa Riemer: Porque às vezes a coragem, ela tá bem embutida atrás dos memes, né? A pessoa que posta geralmente um meme não é necessariamente a coragem que ela tem de fazer aquilo ali na cara da pessoa, né? Então...

Paula Scarpin: A Elisa Riemer, que a gente ouviu aqui no começo foi quem transformou em meme aquela resposta do Caetano pro Geraldo. Ela fez isso porque ela queria ter na manga um "cala-boca" pra machista. Só que ela tá chamando de "coragem" uma explosão de raiva que ela pegou emprestada do Caetano.

Flora Thomson-DeVeaux: É, uma explosão de raiva da qual o Caetano já se arrependeu, que ele queria consertar...

Paula Scarpin: É, na época, o resultado daquela explosão de raiva não foi a demissão do Geraldo Mayrink, nem nada mais grave... foi só a família do Gustavo deixar de ouvir o Caetano.

Flora Thomson-DeVeaux: Mas no dia em que a gente mandou mensagem dizendo que o encontro com Caetano ia rolar mesmo, essa história começou a mudar.

Nathalia: No dia em que elas mandaram mensagem eu cheguei em casa, e estava tocando música alta, e eu entrei no hall do elevador: "que está acontecendo?" Eu entro e ele tá deitado no sofá.

Gustavo Mayrink: Ouvindo "Meu coco".

Nathalia: Aí ele falou: "ah, deixa eu te mostrar uma mensagem", e eu: "ah, entendi..."

Gustavo Mayrink: Muito legal.

Caetano Veloso: Que maravilha! [risos]

Paula Scarpin: Parecia um ritual mágico, foi só retomar o diálogo praquela porta se abrir de novo.

Gustavo Mayrink: É um privilégio de ter um repertório inteiro para explorar, né? Olha que privilégio.

Caetano Veloso: É, isso é curioso. Eu fiquei quando você falou assim que ouvia minhas coisas e tinha passado a ouvir, eu ia perguntar: "E aí, como foi? Que impressão lhe causou? Você gostou?"

Gustavo Mayrink: A melhor possível. Porque eu posso ir de de da Tropicália, passando por Transa e ir pra Abraço, voltar, pegar a Tieta e eu faço um shuffle que é incrível.

Caetano Veloso: E eu li artigos do seu pai, daqueles que você, que ela me mandou, que você tinha levantado. Eu li. Eu li sobre Fellini, eu li sobre Vinicius e sobre...

Gustavo Mayrink: Que ótimo, Do Glauber, que é muito legal.

Caetano Veloso: Do Glauber. Ele conversando com Glauber e tudo e contando... O Glauber bem doido.

Gustavo Mayrink: Bem doido.

Caetano Veloso: Ele te... ele dá o retrato, bem, você... É muito bacana, aquele.

Gustavo Mayrink: Legal. Feliz também.

Branca Vianna: Paula Scarpin e Flora Thomson-DeVeaux. Diretoras da Novelo.

Esse foi o Rádio Novelo Apresenta dessa semana. Obrigada por ouvir.

Lá no nosso site, radionovelo.com.br, você encontra sempre material extra sobre todos os episódios. Recomendo também assinar a nossa newsletter, que além de informação sobre o Apresenta e sobre os outros projetos da Rádio Novelo, tem também recomendações da nossa equipe — de outros podcasts e também de filme, de livro, enfim... tá bacana, vale a pena.

E, se você tá gostando do programa, você ajuda muito a gente a crescer assinando, curtindo, seguindo, dando cinco estrelas no seu aplicativo preferido de podcasts, compartilhando com os amigos nas redes sociais, falando sobre ele no bar, no grupo da família, sempre que aparecer uma oportunidade.

E, claro, você pode vir comentar com a gente o que cê tá achando, nas redes sociais — @radionovelo em todas elas — ou no e-mail apresenta@radionovelo.com.br.

O Rádio Novelo Apresenta é um original da Rádio Novelo.

Toda quinta-feira tem episódio novo.

A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux, e a produção executiva é do Guilherme Alpendre.

A gerência de criação é do Tiago Rogero, a executiva é da Marcela Casaca e a de estratégia é da Juliana Jaeger.

Nossos produtores sênior são o Vitor Hugo Brandalise e a Évelin Argenta. Os produtores da nossa equipe são Bárbara Rubira, Clara Rellstab, Cláudia Holanda, Gabriela Varela, Júlia Matos e Natália Silva.

O desenho de som deste episódio é da Paula Scarpin.

A checagem deste episódio foi feita pela Marcella Ramos.

Neste episódio, a gente usou música original de Chico Corrêa e Kiko Dinucci, compostas especialmente pro Rádio Novelo Apresenta.

A mixagem é do Pipoca Sound.

A arte principal desse episódio é da Elisa Riemer, a mesma que criou o meme.

A promoção e a distribuição são da Bia Ribeiro e da FêCris Vasconcellos. O Eduardo Wolf faz as nossas redes sociais, com peças do Mateus Coutinho.

Brigada, e até semana que vem.